

Título: Que lugar para o analista na experiência com a psicose?

Autor: Fernando Ferreira Linhares

Psiquiatra, aluno do curso de psicanálise do Instituto de Psicanálise e Saúde Mental de Minas Gerais, psiquiatra do CAPS-ad de Nova Lima, do CAPS III de Santa Luzia e do serviço de saúde mental de Carmópolis de Minas.

Psychiatrist, student at the course of psychoanalysis from the Institute of Psychoanalysis and Mental Health of Minas Gerais, psychiatrist at Nova Lima's CAPS-ad, Santa Luzia's CAPS III and Carmópolis de Minas's mental health service. E-mail: fernando-linhares@ig.com.br.

Resumo: O artigo propõe interrogar a posição do analista na experiência com a psicose e investigar as possibilidades de seu manejo sob a égide da teoria psicanalítica. Para tal, uma breve síntese da evolução dessa teoria nos ensinamentos de Freud e Lacan é traçada, identificando a origem de alguns conceitos essenciais, assim como seus desdobramentos. A partir dessa síntese, relacionam-se pontos-chave da teoria da psicose às formulações sobre a posição do analista deles decorrentes, referenciando-as ao momento histórico adequado, assim como à fase pertinente das elaborações sobre a psicose. O objetivo final é oferecer algumas orientações clínicas sobre a posição do analista perante um paciente psicótico acompanhadas de seu embasamento teórico.

Palavras-chave: Psicose, posição do analista, transferência.

Which place for the analyst at the experience with psychosis?

Abstract: The paper proposes to interrogate the analyst's position at the experience with psychosis and to investigate the possibilities of handling these cases under the aegis of psychoanalytic theory's. To this end, a brief overview of the development of this theory in Freud and Lacan's teachings is drawn, identifying the source of some essential concepts as well as their consequences. This synthesis relates the referred theoretical points to the formulations on the analyst's position resulting therefrom, referring them to the appropriate historical moment as well as the relevant stage of the elaborations on psychosis. The ultimate goal is to provide some clinical guidance on the analyst's position in face of a psychotic patient accompanied its theoretical basis.

Keywords: Psychosis, analyst's position, transference.

Que lugar para o analista na experiência com a psicose?

Fernando Ferreira Linhares¹

Na contemporaneidade, assiste-se à infinita pluralidade de apresentações da psicose, e a psicanálise é convocada para essa experiência nos consultórios, nas instituições ou nas discussões interdisciplinares. Então, qual é o lugar do analista na experiência com a psicose?

Em Freud, a aplicação da teoria da libido ao Caso Schreber origina a categoria “neuroses narcísicas”, que corresponde ao diagnóstico estrutural de psicose. Freud explica que o psicótico “retira das pessoas e coisas do mundo externo a sua libido, sem substituí-las por outras na fantasia”, e “a libido retirada do mundo externo é (foi) dirigida ao Eu” (FREUD, 1914/2010, p. 15-16), sendo incapaz de se ligar ao “médico”, impossibilitando a transferência. Freud comenta que, na “técnica analítica”, “a transferência é uma necessidade inevitável” (FREUD, 1905/1980, p. 113), logo:

“[...] aqueles que sofrem de neuroses narcísicas não têm capacidade para a transferência [...] sua libido objetual deve ter-se transformado em libido do ego [...] por essa razão, são inacessíveis aos nossos esforços e não podem ser curados por nós” (FREUD, 1917/1980, p. 520).

Já Lacan afirma: “[...] se a questão do louco pode se esclarecer pela psicanálise, bem, isso seria, obviamente, a partir de outro centramento [...]” (LACAN, 1967/2012, p. 6), e “a psicose é isto diante do que um analista não deve recuar em nenhum caso” (LACAN, 1977/2012, p. 19, tradução do autor), abrindo a possibilidade de um estatuto de transferência diferente da neurótica e desviando a questão da aplicabilidade da psicanálise para sua utilidade na “experiência” com a psicose.

Em 1936, *O estádio do espelho como formador da função do eu*, releitura do narcisismo de Freud, reconhece “nas formas mentais que constituem as psicoses, a reconstrução de estádios anteriores do eu” e localiza a paranoia no “estádio do objeto que lhe é correlativo” (LACAN, 1938/2008, p. 66). Sob influência hegeliana, o conceito do estádio do espelho é desdobrado para aquele em que o desejo surge a partir do desejo do outro. A experiência analítica é considerada então um processo dialético, e o psicótico, um sujeito que renunciou à dialética da palavra, o que impede seu tratamento analítico:

“Na loucura [...] convém reconhecemos [...] a liberdade negativa de uma fala que renunciou a se fazer reconhecer, ou seja, aquilo que chamamos obstáculo à transferência, e [...] a formação singular de um delírio que [...] objetiva o sujeito em uma linguagem sem dialética” (LACAN, 1953/1998, p. 281).

A linguística estrutural de Saussure e Jakobson é utilizada por Lacan no *Seminário III* para fazer sua leitura do Caso Schreber, estabelecendo o conceito de Nome-do-Pai (NP). Nesse seminário, a forclusão é descrita como um rechaço fora do simbólico que implica o surgimento de algo no real, e a forclusão do NP, como determinante da psicose. O fora do Édipo freudiano se torna a forclusão do NP, responsável pela não constituição da significação fálica. Aqui a psicose é estrutural, não implica um desencadeamento. A estabilidade, então, é possível, determinada, segundo Lacan, por mecanismos

imaginários; e também é possível a reestabilização em que a metáfora delirante supre a metáfora paterna ausente.

O desencadeamento psicótico é explicado pela exposição do sujeito a um acontecimento que requeira uma resposta dependente da significação fálica; o encontro com "Um-pai" não simbolizável, quando "o NP é (ser) chamado pelo sujeito no único lugar onde poderia ter-lhe advindo e onde nunca esteve" (LACAN, 1955-1956/1988, p. 584) Esse "Um-pai" deve-se situar "na posição terceira em alguma relação que tenha por base o par imaginário *a-a*" (LACAN, 1955-1956/1988, p. 584), abalando o mecanismo imaginário que estabilizava a estrutura por fornecer ao sujeito uma identificação.

Nesse seminário, Lacan subverte o termo "secretário do alienado" para descrever a posição do analista que dirige o tratamento sem ocupar lugar de mestria, acolhendo os significantes que o sujeito traz sem remetê-lo, pela interpretação, a uma nova significação. O analista busca identificar os mecanismos capazes de sustentar a identificação imaginária estabilizadora da estrutura. Na psicose desencadeada, essa posição não se invalida, pois pode trazer à tona significantes pertinentes para a reestabilização, capazes de dar contorno ao que não foi simbolizado, e retorna no real. Com produção delirante em curso, o analista objetiva a ressignificação da experiência delirante na transferência. Não se preconiza a remoção do delírio, modo singular de o sujeito lidar com o real não simbolizado.

Em "De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose", Lacan localiza o objeto *a*: "o campo da realidade, (e) este só se sustenta pela extração do objeto *a*" (LACAN, 1955-1956/1998, p. 559-560). Os *Seminários X e XI* elucidam que, na constituição do sujeito, há a alienação no universo significativo seguida da separação do objeto *a*, ordenada pelo NP. "O psicótico leva o objeto *a* no bolso" traduz a não extração do objeto *a* quando o NP está foracluído. Se essa extração sustenta o campo da realidade, apresentam-se, na psicose, perturbações na constituição da realidade.

O conceito de gozo é originário do "para-além do princípio do prazer", a pulsão de morte. O campo do gozo é aparelhado pela linguagem: os discursos "tratam" o gozo e engendram o laço social. Esse aparelhamento é condicionado à extração do *objeto a*, que representa, em um retorno ao *Mal-estar na civilização*, os objetos das pulsões aos quais a civilização exige que o homem renuncie para integrá-la. Se a extração do objeto *a* trata o gozo, o não aparelhamento do campo do gozo leva à descrição da vivência psicótica como uma invasão do gozo (não tratado).

Em *Apresentação da tradução francesa das Memórias do Presidente Schreber*, Lacan cita "[...] (n)a polaridade mais recente a ser promovida aqui, do sujeito do gozo ao sujeito que representa o significante para um significante sempre outro [...]" (LACAN, 1966/2012, p. 2, tradução do autor). Esse trecho diferencia *sujeito do significante*, representado por um significante a outro significante, em que o significante opera como barreira ao gozo; e *sujeito do gozo*, um significante apenas, S1, subjugado pelo gozo, na posição de objeto do Outro.

Aqui, o tratamento pretende obter um influxo do simbólico sobre o real, a construção de uma barreira ao gozo e sua reintrodução no discurso. Para tal, o analista abstém-se de ocupar o lugar de Outro do gozo, que tem todas as respostas, e é, empresta ou localiza significantes capazes de funcionar como elemento simbólico na construção daquela barreira, possibilitando a passagem de sujeito do gozo a um sujeito limitado pelo significante. O laço analítico é estabilizador se o analista não colocar o sujeito na posição de objeto a ser cuidado e apontar que o próprio sujeito deve tomar para si a regulação do gozo.

O *Seminário XX* traz a evolução dos conceitos de real, simbólico e imaginário como registros, na escrita do nó borromeu. A escritura borromeana decorre do acento dado ao real no final da obra de Lacan, pois suporta um real de estrutura. No *Seminário XXII*, Lacan apresenta o nó borromeu de quatro elementos, acrescentando o quarto elo indispensável para sua estabilização:

"Se vocês se lembram do modo sob o qual eu introduzi este quarto elemento em vista dos três elementos que são supostos, cada um, constituir qualquer coisa de pessoal, o quarto será isto que eu anuncio este ano como o *sinthoma*" (LACAN, 1975-1976/2005, p. 51-52, tradução do autor).

O "nó de quatro parte de uma disjunção concebida como originária do simbólico, do imaginário e do real" (LACAN, 1974-1975/2012, p. 30, tradução do autor); assume a foraclusão como estrutural e a estabilidade do nó borromeu a três como uma impossibilidade, explicitada, na neurose, com as formações sintomáticas, e, na psicose, com sua irrupção. Inicialmente, "[...] o quarto (elo) é o que [...] suporta o simbólico daquilo por que ele é efetivamente feito, a saber, o NP" (LACAN, 1974-1975/2012, p. 68-69, tradução do autor); é o que atravessa o sujeito com a marca da castração. Depois, o NP se pluraliza, pois, se a foraclusão é estrutural, o elemento que estabiliza o nó varia conforme a estrutura clínica. Essa tentativa de manter unidos os registros R, S e I é definida como "suplência".

Na teoria dos nós, a psicose é explicada por formas de enodamento não borromeanas e por falhas no enodamento borromeano, com maneiras diversas de suplência, como a metáfora delirante, a formulação paranoica e o *sinthoma*. O *Seminário XXIII* apresenta James Joyce e seu uso da linguagem como paradigma da psicose, um exemplo de falha de enodamento borromeano em que o elo I fica solto. Esse evento topológico é traduzido pelo episódio autobiográfico de *Retrato do artista quando jovem*, em que Stephen Dedalus, alterego de Joyce, após levar uma surra, pergunta-se por que o evento não lhe causava mais raiva: "[...] tinha sentido que certa força o houvera despojado dessa súbita onda de raiva tão facilmente como um fruto é despojado de sua mole casca madura" (JOYCE, 1998, p. 87-88)

O estádio do espelho descreve a passagem do corpo fragmentado para a imagem do corpo unificado, com aquisição de consistência imaginária. O episódio descrito evoca uma dissolução imaginária, o deslizar do elo I solto do nó, deslizamento para fora da cena quando o sujeito é convocado a responder com o corpo em sua consistência imaginária. No *Seminário XXIII*:

"Mas a forma, em Joyce, de 'deixar cair' a relação com o corpo próprio é completamente suspeita para um analista, porque a ideia de si como corpo tem um peso. Isso é o que precisamente se chama ego. Se o ego é dito narcisista, é bem porque, em certo nível, há algo que suporta o corpo como imagem. No caso de Joyce, o fato de que esta imagem não interessa na ocasião, não assinala que o ego em Joyce tem uma função toda particular?" (LACAN, 1975-1976/2005, p. 150, tradução do autor).

Se Joyce apresenta uma falha no enodamento borromeano, por que não houve o desencadeamento de sua psicose? Lacan propõe que em Joyce há uma suplência: sua escrita, sua condição de artista, lhe restitui uma dimensão corporal, demonstrada na descrição da relação do

artista com sua imagem, em *Ulisses*: “Assim como nós, ou mãe Dana, tecemos e destecemos nossos corpos — disse Stephen — dia após dia, suas moléculas se movendo de um lado para o outro, assim também o artista tece e destece sua imagem” (JOYCE, 2010, p. 434).

Em Joyce, a construção da imagem corporal não remete à do estádio do espelho, mas a uma tessitura: Joyce tece a obra literária que impede a dissolução imaginária do corpo. E se o ego é a ideia que se tem de si como um corpo, a escrita funciona como um ego, é seu *sinthoma*.

Na etimologia da palavra “*symptôme*” (sintoma), “*ptôme*” significa queda. Para Lacan, sintoma é aquilo que se espera que caia durante a análise, já “*sinthome*” (*sinthoma*) é o que não cai, está fixo em torno da falta primeira. Ambos são suplências, porém estabilizam o nó borromeu de formas distintas. O sintoma é uma metáfora, produz sentido, é uma resposta particular à “não relação sexual”. O *sinthoma* é suplência da falta estrutural da relação sexual, tem função de gozo, define-se “através de uma relação não mais aos efeitos de significação, [...] mas no registro de uma escritura, que é o modo pelo qual cada um goza do inconsciente à medida que o inconsciente o determina” (LAURENT, 1992, p. 49). O *sinthoma* funciona como S1, exerce função de nomeação do sujeito, que, como Joyce, não é sujeito do significante, mas sujeito do gozo. Nessa acepção, em Joyce, a linguagem serve a algo mais que à produção de sentido, há gozo no significante.

O *sinthoma* de Joyce mantém o nó estável. Aqui, a direção do trabalho analítico seria favorecer a estabilização da estrutura pelo enlaçamento fixo dos registros a partir do quarto elemento; favorecer a identificação ao *sinthoma*, que permite ao sujeito a criação de um laço social inédito. O analista deve evitar produzir S1s, que engendrariam o discurso do mestre. O S1 deve surgir do sujeito, pois apenas esse S1 articulado ao gozo possibilita a emergência do *sinthoma*.

O psicótico pode ocupar duas posições: na posição de objeto de gozo do Outro, pode tomar o analista como Outro gozador, lugar que o analista deve-se recusar a ocupar; na posição de saber delirante, tende a essa produção, o deslizar do elo I, e o analista deve intervir apelando ao mecanismo imaginário que impede esse deslizamento. Esse “secretariado *sinthomático*” (BENETI, 1995) permite o deslocamento do psicótico dessas posições, para que o saber psicótico seja colocado a trabalho a fim de produzir seu *sinthoma* e possibilitar a extração do gozo.

A grande amplitude dessa teoria não pode alcançar toda a diversidade da experiência com a psicose, pois esta comporta o sujeito. O estudo dessa teoria permite ao clínico servir-se de cada etapa da evolução desses conceitos, consciente de que a experiência com a psicose exige não apenas conhecimento teórico, mas faz um chamado à invenção.

Referências

BENETI, A. “Do discurso do analista ao nó borromeano: contra a metáfora delirante”. *Opção lacaniana online*, n. 3, 2005. Disponível em: <http://www.opcaolacanianana.com.br/antigos/n3/textod.asp>. Acesso em: 26/07/2012.

FREUD, S. (1905 [1904]). “Sobre a psicoterapia”, In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1980, vol. VII, p. 263-278.

FREUD, S. (1914). "Introdução ao narcisismo", In: _____. *Sigmund Freud Obras Completas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, vol. 12, p. 13-50.

FREUD, S. (1917 [1916-1917]). "Conferência XXVII – Transferência", In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1980, vol. XVI, p. 503-521.

JOYCE, J. *Retrato do artista quando jovem*. São Paulo: Publifolha, 1998.

JOYCE, J. *Ulisses*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

LACAN, J. (1938). *Complexos familiares*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

LACAN, J. (1953). "Função e campo da fala e da linguagem", In: _____. *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998, p. 238-324.

LACAN, J. (1955-1956). "De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose", In: _____. *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998, p. 537-590.

LACAN, J. (1966). "Présentation de la traduction de Paul Duquenne des *Mémoires d'un névropathe* de D. P. Schreber". *Cahiers pour l'analyse*, n. 5, p. 69-72. Disponível em: <http://www.ecole-lacanianne.net/pastoutlacan60.php>. Acesso em: 12/07/2012.

LACAN, J. (1967). *Petit discours aux psychiatres*. Conferência inédita de 10/11/1967. Disponível em: <http://www.ecole-lacanianne.net/pastoutlacan60.php>. Acesso em: 16/06/2012.

LACAN, J. (1974-1975). *El Seminario, livro XXII*: RSI. Inédito. Disponível em: <http://lacan.orgfree.com/lacan/livros.htm>. Acesso em: 10/07/2012.

LACAN, J. (1975-1976). *Le Séminaire, livre XXIII*: le sinthome. Paris: Éditions du Seuil, 2005.

LACAN, J. (1977). *Ouverture de la section clinique*. Disponível em: <http://www.ecole-lacanianne.net/documents/1977-01-05.doc>. Acesso em: 16/06/2012.

LAURENT, É. *Lacan y los discursos*. Buenos Aires: Manantial, 1992.

¹ Sob a orientação de Graciela Bessa.